

UM BRINDE À IDENTIDADE, À DIVERSIDADE E À ALTERIDADE: UM PASSEIO PELO MUNDO DOS MORTOS NO SUL DO MÉXICO¹

JÚLIA BATISTA ALVES²

Resumo: Este trabalho pretende propiciar um diálogo intercultural entre Brasil e México por meio do contato e da aproximação à cultura do outro (o mexicano). Essa aproximação, que parte da apresentação do Dia dos Mortos em algumas regiões do México, visa à criação de estímulos que permitam a reflexão sobre os distintos contextos culturais em que vivemos e o reconhecimento do outro não só como diferente e exótico, mas também, como semelhante, uma vez que compartilhamos saberes, conhecimentos, significados e cultura com grupos diferentes. Compreender valores e crenças de outros grupos sociais também nos faz ressignificar os nossos. Contribui para a reflexão sobre o porquê pensamos, agimos e nos comunicamos de determinada maneira e, dessa forma, para que possamos nos colocar no lugar do outro e respeitarmos a(s) sua(s) maneira (s) de agir, pensar, de se comunicar, ver e sentir o mundo a sua volta.

Palavras-chave: identidade; diversidade; alteridade; Dia dos Mortos mexicano; diálogo intercultural.

Abstract: This paper has the intention to provide an intercultural dialogue between Brazil and Mexico through contact and approach to the Mexican culture. This approach, which comes from the presentation of the Mexican Day of the Dead in some places, aims to the creation of stimulations that allow reflection about distinct cultural contexts we live in and the recognition of the other not only as different and exotic, but also, as a similar, once we share knowledge, meanings and different group cultures. Comprehend values and beliefs from other social groups also make us ponder why we think, behave and communicate in a determined manner and, this way, we are able to put ourselves in the others' position and respect their ways of behaving, thinking, communicating, looking and feeling the world around us.

Keywords: identity; diversity; otherness; Mexican Day of the Dead; intercultural dialogue.

Introdução

Palavras como identidade, diversidade e interculturalidade estão presentes, atualmente, na maioria dos discursos a que estamos expostos: políticos, midiáticos, educacionais, sociais etc. Podemos dizer que o objetivo principal desses discursos, principalmente na área educacional, seja a promoção da tolerância, da compreensão, da

¹A pesquisa sobre o Dia dos Mortos mexicano expressa neste trabalho faz parte de um recorte de nossa Dissertação de Mestrado (2012) apresentada ao Programa de Integração da América Latina da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Antonio Lindo.

² Júlia Batista Alves atualmente é doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP- Araraquara). Possui Mestrado pelo Programa de Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (USP - 2012) e Graduação com Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Assis, 2007). E-mail para contato: juliabatistaalves@yahoo.com.br

aceitação e do respeito às diferenças, tão necessários para esse mundo plural em que vivemos.

No âmbito educacional brasileiro, a noção de desenvolvimento da cidadania e da escola como instituição responsável pela formação dos cidadãos está presente em documentos como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, 2000), nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006) etc. Nesses documentos, no que diz respeito ao ensino e à aprendizagem de línguas estrangeiras, especificamente, podemos observar que a construção da cidadania é abordada de maneira contundente, visando a uma percepção, compreensão e a um diálogo interculturais entre os países. Os documentos chamam a atenção para a realidade em que vivemos: mundo plural, multicultural, multilíngue; e alertam para a importância de uma Educação que promova a reflexão dessa nova realidade política, econômica, social e cultural para que o indivíduo, cidadão, saiba interagir em diferentes contextos e comunidades a que estiver exposto. A apreciação de costumes, valores e crenças de outros grupos sociais e culturas, nessa ótica, contribui para a percepção, por parte do indivíduo, da sua própria cultura, levando-o a refletir, por exemplo, sobre as suas próprias atitudes em relação ao outro: como enxerga esse outro, como trata e julga as maneiras de pensar, agir, de se comunicar, ver e sentir o mundo desse outro, tão diferente de nós.

Estamos diante de uma configuração mundial em que as fronteiras se tornam invisíveis, promovendo o nosso contato com o outro, seja ele conterrâneo ou estrangeiro, de maneira mais veloz que outrora. Diante desse fato, torna-se de extrema importância a reflexão sobre os distintos contextos socioculturais em que vivemos e o reconhecimento do outro não só como aquele diferente de nós, mas também semelhante em muitos aspectos. Faz-se necessário, no cenário global atual, perceber o outro enquanto ser humano; ser humano de direitos e de deveres, que possui crenças e valores tão preciosos quanto os nossos e não ignorar essa diversidade, essa diferença, essa alteridade que está diante de nós a todo o momento. Não é tarefa fácil; tampouco simples. É um constante exercício de empatia que devemos praticar todos os dias nas nossas relações e interações com pessoas e culturas. Em relação à complexidade do que é lidar com um outro que é ao mesmo tempo diferente e semelhante a nós, Todorov (2003, p. 3) destaca:

Quero falar da descoberta que o eu faz do outro. O assunto é imenso. Mal acabamos de formulá-lo em linhas gerais já o vemos subdividir-se em categorias e direções múltiplas, infinitas. Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um eu também, sujeito como eu.

Será o outro tão diferente de nós? O dicionário *Aulete* na sua versão digital nos apresenta a palavra **outro** como um pronome indefinido, ou seja, que não se pode identificar nem determinar. Ademais, nos diz que **outro** é o diferente, distante, oposto, contrário. Em contrapartida, também nos apresenta uma acepção em que **outro** aparece como mais um, um novo (ideia de adição); como igual, semelhante. Como podemos notar, não é tão simples assim definir o que é **outro** e, ao encontro das palavras de Todorov (2003), observamos que **outro** nos remete tanto às diferenças, quanto às semelhanças.

Operando, dessa vez, com a palavra **estrangeiro**, observamos que sua acepção nos leva à palavra **outro**. Segundo o mesmo dicionário, **estrangeiro** é aquele que pertence ou que vem de **outro** país, diferente do nosso, nos remetendo à primeira concepção de **outro** mencionada anteriormente, como o diferente, o alheio. Almeida Filho (2010, p. 11-12), abordando as dimensões comunicativas no ensino de línguas propõe uma reflexão acerca da **desestrangeirização** da língua estrangeira e que julgamos ser pertinente ao que está sendo discutido aqui se a relacionarmos com as novas atitudes que devemos (ou deveríamos) ter em relação ao **outro**:

Língua estrangeira é, por outro lado, também um conceito complexo que o professor precisa contemplar, e sobre ele refletir, no exercício da profissão. Pode significar língua dos outros ou de outros, ou língua de antepassados, de estranhos, de bárbaros, de dominadores, ou língua exótica. A compreensão do termo se aperfeiçoa se o tomarmos como língua que só a princípio é de fato estrangeira mas que se **desestrangeiriza** ao longo do tempo de que se dispõe para aprendê-la. (grifo do autor).

Apoiando-nos no termo e na ideia utilizada por Almeida Filho (2010), a tolerância, a compreensão, a aceitação e o respeito às diferenças só serão possíveis a partir do momento em que passemos a **desestrangeirizar** o **outro**. Isso implica conhecer, perceber e compreender sua maneira de ser no mundo. Nesse contexto, nos propomos a apresentar um pouco da cultura mexicana por meio de uma das celebrações mais representativas da identidade cultural desse povo: o Dia dos Mortos.

O Dia dos Mortos no México

No México, país que ainda hoje conta com no mínimo sessenta grupos indígenas, a celebração do Dia de Finados é de um sincretismo extravagante. Elementos católicos e indígenas misturam-se dando origem a uma forma de celebração muito peculiar. Entretanto, as práticas indígenas originárias também podem ser vistas claramente arraigadas na forma de celebrar. Primeiramente, o próprio caráter festivo da celebração remonta, por exemplo, à maneira asteca de cultuar os mortos, povo indígena contemporâneo à chegada dos espanhóis. Eles possuíam um calendário de dezoito meses, sendo que em cada um deles acontecia alguma festa em honra aos deuses e outras delas dedicadas também aos mortos. Nessas festas ofereciam-se comidas e bebidas típicas, havia música, bailes, flores e muito colorido. Hoje em dia brinca-se com a morte e faz-se piada dela. As pessoas fantasiam-se de caveiras e de esqueletos e comem alimentos nesses formatos. A devoração simbólica da morte é uma maneira de dizer-lhe que se é forte diante dela e que ela não é mais temida que a própria vida. Em segundo lugar, destacam-se os elementos simbólicos que compõem a festividade e que fazem parte das oferendas dedicadas aos mortos: altares, comidas, bebidas, flores, velas, incenso e outros objetos. Muitas dessas comidas e bebidas, além da flor de morto que é presença constante nessa celebração, fizeram parte do mundo indígena de outrora.

Diante dessa forma tão particular de cultuar os mortos por parte do povo mexicano – com todas as suas cores, sabores, texturas, sons e imagens – e por conta do sincretismo entre o ritual ancestral indígena e a religião católica, podemos considerar a festividade como uma manifestação da identidade cultural desse país. Exatamente por esse motivo foi reconhecida como Patrimônio Oral e Intangível da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), no ano de 2003.

Ao realizarmos uma pesquisa sobre a presença indígena no território mexicano, constatamos que a região sul, justamente onde a tradição da celebração do Dia dos Mortos pode ser fortemente observada, é a que conta com o maior índice de grupos: 62 grupos atualmente, sendo 41 os que o celebram. Diante disso, podemos mergulhar no universo da celebração e compreender alguns dos aspectos homogeneizantes e heterogeneizantes que a envolvem e que fazem com que ela se torne tão única,

fortemente identitária e rica, histórico, social e culturalmente, realizando um passeio pelo mundo dos mortos na região sul do México.

Um passeio pelo Mundo dos Mortos no Sul do México

O Dia dos Mortos no México apresenta vários dias de celebração de acordo com quem o celebre. Segundo a obra de Iglesias y Cabrera (2008), cada região mexicana terá sua maneira e data particular de venerar os mortos. A autora traça um pequeno percurso apontando algumas dessas regiões, suas datas de celebração e alguns grupos indígenas aí presentes, citando, por exemplo, Veracruz, Puebla, Oaxaca e Baixa Califórnia.

Para esses grupos, a celebração está intimamente ligada ao calendário agrícola, já que é nos meses de colheita, representando a fartura diante da escassez de períodos anteriores, que as festividades têm lugar. E não há data melhor para ofertar alimentos aos mortos que essa, uma vez que há abundância deles.

De maneira geral, as datas mais recorrentes de celebração do Dia dos Mortos são os dias 1 e 2 de novembro. No primeiro, cultuam-se as almas das crianças; no segundo, a dos adultos.

Sobre Veracruz, a autora nos fala acerca do grupo dos *totonacas*, que no dia de São Lucas, comemorado em 18 de outubro, rendem homenagens aos mortos que tiveram uma morte violenta (por acidente, afogamento, assassinato), enquanto que às crianças e aos demais adultos rendem homenagens nos dias 31 de outubro e 1 de novembro, respectivamente. Em contrapartida, seus conterrâneos de Papantla, assim como os Zihuateutle de Puebla, dedicam os dias 20 e 30 de outubro aos mortos que têm até um ano de falecimento. Já as almas velhas, isto é, que já morreram há mais de um ano, são homenageadas nos dias 1, 2 e 3 de novembro.

Os *nahuas* de Zongolica, Veracruz, recebem as crianças (as que foram ou não batizadas) no dia 31 de outubro. No dia 1 de novembro, chegam as almas dos adultos mortos de morte natural e, em seguida, nesse mesmo dia, as almas solitárias, as dos órfãos e dos criminosos. As almas solitárias não possuem familiares que rezem por elas. Por sua vez, os *nahuas* da região de Xoxocotla, Morelos, iniciam a comemoração no dia 23 de outubro. Desta data até o dia 2 de novembro, os sinos soam das dezesseis às dezenove horas da noite para que todos se lembrem de começar os preparativos para

receber os antepassados. Nesses nove dias, além do emblemático soar de sinos, são realizadas oferendas aos mortos, que consistem em dois copos com água, um ramallete de flor de morto e um prato com ameixas, até que cheguem os festejos tradicionais do dia 2 de novembro.

Os *otomís* iniciam a celebração no dia 28 de outubro, que é dedicado àqueles que morreram de forma repentina. O dia 29 é dedicado aos afogados; o dia 30, às crianças sem batismo; o dia 31, aos que foram batizados, chamados de *angelitos* – anjinhos – e o dia 1 de novembro, finalmente aos adultos. Os mestiços *tlaxcaltecas* dedicam aos mortos os dias 29 de outubro (àqueles que morreram sem serem batizados, aos afogados, e bebês que nem chegaram a nascer), 30 de outubro (àqueles que não são lembrados por ninguém, as almas solitárias), 31 de outubro (às crianças, os anjinhos) e por fim, o dia 2 de novembro (aos adultos).

Para os *choles* de Oaxaca, a celebração é bem extensa compreendendo o período de 25 de outubro a 5 de novembro, no qual todas as almas podem vir sem distinção. Já entre os *mixtecas*, as almas das crianças são recebidas no dia 31 de outubro, as dos adultos no dia 2 de novembro e as almas solitárias no dia 3 de novembro.

Entre os *amuzgos*, é costume dedicar o dia 24 de outubro aos anjinhos, o dia 30 àqueles que morreram repentinamente, o dia 31 aos mortos de morte natural e o dia 1 de novembro, a Todos os Santos. Os *pai-pai* da Baixa Califórnia, assim como os *choles*, recebem as almas de uma única vez, com a diferença de ser somente em um dia, o dia 2 de novembro. Os *tzeltales* de Chiapas seguem o calendário maia e recebem os seus mortos no dia 15 de outubro, finalizando a celebração no dia 2 de novembro, segundo a tradição católica hispânica.

A herança dos astecas pode ser claramente observada nas celebrações dos grupos indígenas nas quais são dedicadas datas direcionadas a cada tipo de morto. Os astecas possuíam um ritual distinto para cada tipo de morte, aliás, cada tipo era o que orientava o destino do corpo morto e o rumo que seria tomado por sua alma no *Mictlán*, o mundo dos mortos. Já o conceito de alma solitária – *anima sola* – é uma representação do pensamento cristão que foi incorporado com o estabelecimento do Dia de Finados no calendário litúrgico. Esse dia consiste na realização de missas e orações que intercedam por todos os mortos, inclusive por aqueles que não são lembrados por ninguém.

Atendo-nos unicamente aos estados localizados no sul do México no que diz

respeito à forma de celebração do Dia dos Mortos, de acordo com a obra de Zarauz López (2004), iniciamos nosso passeio pelo estado de Michoacán, precisamente pelos distintos povoados que rodeiam o lago de Pátzcuaro e a ilha de Janitzio. O significado do nome do lago nos leva a relacionar o lugar com a morte: o lugar que se tingiu de negro, segundo a cultura *tarasca*, para a qual a cor negra estava relacionada com o funerário, com o lugar onde viviam os mortos. Segundo a autora, os *tarascos* acreditavam que o lago, assim como a cidade, eram a entrada do reino dos mortos. Hoje em dia, vários ritos realizados na celebração do Dia dos Mortos devem suas origens a tais convicções. Pátzcuaro ainda conserva uma população indígena notável, sendo que a etnia *purépecha* se destaca. Sua economia é predominantemente de pesca e agrícola, além de contar com muitos comerciantes. Em razão da notável presença da população indígena, o povoado segue mantendo suas tradições.

A celebração do Dia dos Mortos nessa região inicia-se a fins de outubro, por volta do dia 28, encerrando-se no dia 2 de novembro. No dia 28 as almas do limbo, ou seja, das pessoas que morreram vítimas de algum acidente ou aquelas que têm menos de um ano de falecimento, são recebidas. No dia 31 é preparada uma canastra com tudo o que será levado para o cemitério de Janitzio para ser oferecido em forma de oferenda: alimentos, bebidas, velas e flores. O dia 1 de novembro é dedicado às crianças, que recebem uma missa denominada “Vigília dos Anjinhos” nas igrejas. O dia 2, por sua vez, é dedicado às almas dos adultos, recebidas pelas badalas dos sinos das igrejas. Uma peculiaridade da região é o cruzamento do lago em canoas carregando velas e círios acesos e com redes estendidas, evento realizado pelos habitantes do povoado. Diz-se que a visão proporcionada pelo feito se assemelha à lindas borboletas borboleteando no manto noturno, segundo as palavras da autora. Os familiares depositam nas tumbas comidas e bebidas para alimentar os mortos; flores e velas para enfeitar o local e guiá-los. Esses creem que as velas iluminam o caminho para as almas, ao passo que as flores, as conduzem pelo caminho correto, uma vez que podem seguir o cheiro exalado por elas. No dia 1 de novembro, à meia noite, os familiares encaminham-se aos túmulos e depositam os alimentos e velas sobre uma toalha branca. As famílias realizam cantos, orações, comem, bebem, dançam e conversam com seus mortos. Em outro povoado da região, Jarácuaro, grupos de dançarinos bailam em honra aos mortos na praça principal. Os alimentos depositados nas tumbas são retirados no dia 2 de novembro e levados à

igreja, onde são compartilhados por todos.

Nas regiões citadas é possível observar, claramente, a presença do sincretismo religioso cerimonial da celebração. Os rituais indígenas são completados pelos católicos. O turismo, muito forte devido às formas de celebração da região e à divulgação proposta pelo governo (baile, feiras de artesanato, concursos), por um lado beneficia tanto as localidades quanto os costumes; por outro, de caráter mais negativo, esvazia o sentido da espiritualidade, que vai perdendo um pouco o significado ritual devido à comercialização da festividade, em palavras de Zarauz López (2004).

O próximo destino nos reserva uma maneira muito peculiar de comemorar a festividade do Dia dos Mortos apegada às raízes indígenas, revivendo a cada ano a tradição. Esse lugar, chamado de Huasteca, está situado ao norte do estado de Veracruz. As celebrações iniciam-se no final de setembro, dia 29, que é o Dia de São Miguel, o patrono dos mortos. Acredita-se que nesse dia São Pedro abre as portas do Céu, dando permissão aos mortos para que eles saiam e possam receber, no dia de São Lucas, 18 de outubro, a sua primeira oferenda. Os que primeiro a recebem são aqueles que morreram vítimas de afogamento, de tiro ou de algum acidente. A oferenda consiste em *enchiladas*³, frango, bebida, velas, incenso e *copal*⁴, porque se acredita que são estas almas as que mais penam pelo tipo de morte que tiveram.

Os dias subsequentes são dedicados aos preparativos para a celebração. A flor *cempasúchil*, cultivada desde junho, é colhida no dia 31 de outubro, denominado, assim, de “Dia da Flor” ou “Dia dos Arcos”. Os arcos são enfeitados com *cempasúchil* e flores brancas e são colocados diante da casa do defunto. Além das flores como adorno, os arcos contam com frutas (mexerica, laranja, lima, maçã) e pães com figuras humanas, também como enfeites. As frutas ficam penduradas no arco. Embaixo do arco monta-se um altar que contém papel de seda picado, chocolate, pão, aguardente, refrigerante, cerveja, cigarros, água (limpa para beber), velas e imagens religiosas. Esse dia 31 de outubro está dedicado às almas das crianças. Acredita-se que, como são pequenos, não têm força suficiente para carregar velas grandes. Por esse motivo, as velas oferecidas são pequenas e finas. A comida para as crianças é diferente daquela oferecida aos

³ As *enchiladas* são uma espécie de panquecas feitas com farinha de trigo ou milho e recheadas com algum tipo de carne. Acompanha o prato um caldo de legumes apimentado.

⁴ O *copal* é uma resina fossilizada utilizada para incensar o ambiente.

adultos consistindo em caldo de frango, *tamales*⁵ de gergelim, feijão, chocolate, pão, suco ou refrigerante e frango sem pimenta. As almas das crianças são guiadas por um caminho de pétalas de flores (confeccionado também por crianças) e por palavras de carinho elaboradas pela mãe que as invocam desde o altar. O caminho de pétalas é regado com água benta para purificá-lo.

O dia 2 de novembro está reservado aos mortos adultos. As mulheres são as encarregadas da preparação dos alimentos: *tamales*, *mole de guajolote*⁶, arroz, café, chocolate, *elotes*⁷. A oferenda, ademais desses alimentos, constitui-se de velas, frutas e frango. Em frente ao altar é colocada uma penca de banana e quatro velas grandes. Do lado de fora da casa arma-se uma cruz feita com pau e enfeitada com flores. Aquelas almas que não têm família que as recorde são agraciadas com uma oferenda de alimentos que é disposta ao lado da cruz. Nesse mesmo dia, as pessoas dirigem-se aos cemitérios para limpá-los e enfeitá-los. Sobre os túmulos são colocadas as comidas, o *copal*, quatro velas acesas, tudo sobre uma toalha. Acredita-se que as almas necessitam de vinte minutos para consumir a essência e o aroma dos alimentos ofertados e, depois desse período de espera, tudo é dividido e consumido pelos familiares e amigos presentes. Os familiares permanecem nos cemitérios até a noite, quando é possível contemplar tudo iluminado pelas velas acesas e o som de trios *huapangueros*. Saindo dos cemitérios, as pessoas costumam visitar os seus compadres, comadres e padrinhos para oferecer-lhes parte da oferenda.

Outras duas cerimônias realizadas nessa época são a Dança dos Velhos, realizada entre 31 de outubro e 2 de novembro, e o Carnaval de Xantolo, até o dia 3 de novembro. Um dos requisitos para participar da Dança dos Velhos é que os participantes sejam homens idosos. Quanto ao vestuário dos dançarinos, uns devem estar em farrapos, outros, vestidos elegantemente, ou ainda, usando máscaras e bengalas. Essa dança representa o ciclo vital: nascimento-reprodução-morte. Algumas pessoas acreditam que o nome da dança se deve ao fato da longevidade dos homens de

⁵ Os *tamales* são semelhantes à pamonha brasileira e podem conter recheio doce ou salgado. Era um prato cerimonial para os astecas, empregado em jejuns religiosos. Os astecas o ofereciam aos deuses, aos mortos e o comiam durante a guerra.

⁶ O *mole* também é um prato cerimonial de origem asteca. Era considerado um alimento sagrado e até hoje figura nas festas sociais e religiosas mexicanas. Consiste em um molho feito com uma diversidade de ingredientes como pimenta, chocolate, amêndoas, nozes, passas, entre outros. Acompanha carnes cozidas, preferencialmente, aves como o *guajolote* (peru).

⁷ Espigas de milho recém-colhidas.

Huasteca. As máscaras eram usadas pois representavam, e ainda representam, a maneira simbólica de ludibriar a morte, impedindo-a de reconhecer os dançarinos e levá-los para o mundo dos mortos. Os personagens principais da dança, o Diabo, a Morte, uma mulher grávida e um vaqueiro, dançam ao som de *huapangos*. Os vaqueiros são aqueles que, quando fazem soar o chifre de touro, convidam as almas para participar do baile. A festividade ainda tem continuidade oito dias depois do baile.

Aproximando-se a partida dos mortos, são preparados alimentos para serem dedicados a eles, em especial os *tamales*, e flores são levadas para o cemitério, principalmente para os que morreram de morte natural. Acredita-se que aqueles que morreram de forma trágica (afogados ou em acidentes) não se ausentam no mesmo dia das outras almas. Elas permanecem no mundo terrenal até o dia 30 de novembro.

No carnaval dedicado aos mortos, o carnaval de Xantolo, toda a gente vai fantasiada com máscaras de velhos feitas de madeira, representando as almas dos mortos (os velhos representam os *abuelos* – avós, tidos como os antepassados). Os participantes dançam ao som de grupos de violinistas, violões e *jarana*⁸, interpretando *huapangos*, em direção ao altar de arcos que foi confeccionado e dedicado aos finados. Ali recolhem as oferendas deixadas. A celebração é concluída no dia 3 de novembro quando representantes de cada bairro, ao som dos *huapangos*, dançam até chegar ao cemitério.

A próxima parada do nosso passeio nos deixa na região maia, em especial na península de Yucatán. Nessa região, os preparativos para a veneração dos defuntos iniciam-se bem cedo com a confecção de diferentes tipos de artesanato como velas, brinquedos para as crianças mortas, xícaras, vasos, pratos e incensários que irão compor o altar. Este é montado nas casas, sobre uma mesa que simboliza a terra. A toalha branca colocada sobre ela representa as nuvens. A cruz, a vida. Ademais, encontram-se imagens de santos católicos, que substituíram os deuses pré-hispânicos. A oferenda é colocada em xícaras e é formada por diversos itens: frutas, milho, amendoim, abóbora, um tipo de inhame, pimenta, folha de tabaco, mel e alguma bebida alcoólica, água e sal (ambos símbolos da vida). Além desses itens, também fazem parte da oferenda alguns objetos do defunto, flores amarelas e roxas.

Para as almas das crianças são colocadas velas brancas no altar e xícaras

⁸ Instrumento de corda utilizado nos *huapangos* (bailes de sapateado).

pequenas com chocolate, *atole*⁹, *tamales*, doces de coco, mandioca, inhame e pão em forma de animais. Todas as comidas para os pequenos são preparadas sem pimenta. Ademais, são oferecidos brinquedos e reza-se diante do altar. O *Hanal Pixán*, recepção das almas dos adultos, inicia-se no dia 1 de novembro, quando os homens do povoado, bem cedo, começam cavando o “forno de terra”, um grande buraco feito no chão onde são cozidos os grandes *tamales* que eles chamam de *mukbipollos*. São feitos de massa de milho, manteiga de porco e sal. Já o recheio pode ser de carne de porco, frango ou galinha. Eles são envoltos em folha de bananeira. Aqui, a crença é que as almas permanecem no plano terreno durante uma semana. Nesse período são realizados vários tipos de oferendas. O caráter religioso e místico da celebração continua vivo por meio do *Hanal Píxan* maia e do forte apego às tradições.

No estado de Puebla, em Huaquechula, povoado de origem *nahua*, o apego às tradições é aparente na maneira de venerar seus mortos. As homenagens são organizadas em quatro festividades, sendo cada uma dedicada a um tipo de morto, ou melhor dizendo, a um tipo de morte, como nos relatos de Sahagún a respeito dos *mexicas*. Os primeiros a serem recordados, no dia 28 de outubro, são os que morreram vítimas de algum acidente. Posteriormente, no dia 31 são recepcionadas as almas das crianças. O dia 1 de novembro está reservado aos que morreram de morte natural ou vítimas de alguma doença, enquanto o dia 2 de novembro é dedicado à visita ao cemitério após a missa na paróquia.

Trinta dias antes da celebração inicia-se a preparação das oferendas. Estas consistem em uma fotografia do morto, flores e velas. A chegada das almas é anunciada pelo badalar dos sinos nas igrejas. Nesse momento, são realizados alguns rituais como regar com água benta o caminho a ser percorrido pelas almas desde o cemitério até as suas casas. Além da água benta também são jogadas pétalas de flores e espalhado o cheiro do incenso. Segundo Zarauz López (2004, p. 166, tradução nossa):

A água benta é borrifada para que a alma reconheça o caminho de sua casa; as flores simbolizam o carinho da família e o incenso e o *copal* indicam que está sendo recebida uma alma que goza da graça de Deus. Já as velas, iluminam a trilha e o espírito chega sem contratempos a sua casa.

O povoado camponês de Santa Apolônia, localizado próximo à capital do estado

⁹ Bebida doce à base de milho.

de Tlaxcala, venera seus mortos de maneira semelhante às comunidades indígenas de Puebla. Os preparativos para a celebração são iniciados já no mês de junho com o plantio da flor de morto – *cempasúchil* –, que é colhida em agosto. Em relação à recepção das almas, assim como em Puebla, cada dia está dedicado a um tipo de morto. A recepção inicia-se no dia 28 de outubro quando chegam as almas dos que morreram sem receber o batismo, as dos que morreram em algum acidente e as dos que nasceram de parto cesáreo, ou seja, dos que não nasceram de forma natural e foram arrancados do ventre de suas mães. São dedicadas a elas flores roxas, vermelhas e azuis, sendo elas rosas, cravos e goivos. O dia 29 de outubro está reservado para aqueles que morreram afogados ou sem batismo. Para eles são dedicadas flores brancas, rosas e azuis. O dia 30 de outubro está dedicado às almas solitárias. O dia 31, assim como em Puebla, está reservado às almas das crianças. Elas são recebidas com brinquedos, frutas e doces. Os túmulos são enfeitados com flores brancas, azuis e rosadas. É costume na região deixar abertas as janelas das casas para que as almas possam circular livremente, sem nenhum obstáculo. No dia 1 de novembro é a vez da chegada das almas dos adultos, que são recebidas com *tamales*, *moles*, pão e fruta, pão de morto ou pão das almas, doce de batata-doce e de abóbora no tacho, mel, alfenim, leite e água. À maneira dos astecas, terminada a celebração, a oferenda é compartilhada com os pobres. Essa oferenda, ademais dos alimentos citados, constitui-se de flores, imagens religiosas enfeitadas com papel de seda, velas e incenso. Para que as almas não se percam no caminho do cemitério até as suas casas, são espalhadas pétalas de rosas formando uma trilha ou ilumina-se o caminho com lamparinas a óleo.

Entre os *otomís* do Estado do México, a celebração começa no dia 31 de outubro com a recepção das crianças que morreram prematuramente, sem batismo e se encontram no limbo. Os chamados “anjinhos” são as crianças que morreram batizadas e são recepcionadas no dia 1 de novembro, enquanto os adultos são recordados no dia 2 de novembro. Como em todas as regiões, é preparada uma oferenda com alimentos, bebidas, velas, incensos, *copal* e flores. As almas das crianças são recebidas com rojões para que encontrem o caminho de casa sem se perder. São disponibilizadas a elas vasilhas para que bebam água, *atole*, chocolate e para que comam pão, frutas, bolachas e doces. A oferenda dos adultos é mais completa, consistindo em *mole de guajolote*,

tamales, pão, arroz, sopa, *gorditas*¹⁰ de milho, cigarros, *pulque*¹¹ e aguardente. Os cemitérios são limpos e enfeitados com flores. Alguns louvores são cantados enquanto se queima o *copal*.

Segundo Zarauz López (2004, p. 168) é em Oaxaca que a celebração do Dia dos Mortos é vista com maior diversidade, heterogeneidade e colorido. Isso porque o estado conta com maior presença e diversidade de povoação indígena do México. De acordo com as pesquisas de Zarauz López, a forma de celebrar os mortos atualmente muito tem em comum com o modo de celebração dos indígenas pré-hispânicos. Assim como faziam seus antepassados, matam-se perus e preparam-se *tamales* para a montagem do altar a ser ofertado durante a celebração. Durante a noite, as pessoas reúnem-se diante do altar para realizar as orações aos deuses e aos mortos pedindo-lhes que os guardem e os protejam. Antigamente era pedido a eles que favorecessem os vivos com saúde, boas colheitas e prosperidade. Durante essas orações não era permitido levantar o olhar, de modo que quem o fizesse receberia o castigo dos deuses por desrespeito e ofensa a eles e aos mortos. Atualmente, a celebração oaxaquenha inicia-se no dia 31 de outubro com a chegada dos defuntos pequenos. Para eles são oferecidas flores de morto, velas, *copal*, um arco de varas e o famoso pão de morto. As velas só são colocadas no momento da chegada dessas almas. Na noite de 1 de novembro um grupo de pelo menos quarenta pessoas fantasia-se de morte, diabo, viúva, médico, padre, capataz, bruxa, coroinha e avós e dançam fazendo representações a fim de afugentar os mortos para que retornem ao seu mundo. Essas pessoas vão de casa em casa pedindo “o morto”, ou seja, prendas que consistem em comida e bebida.

Ao sul do estado de Oaxaca e nos povoados de Tehuantepec e Juchitán são elaborados altares especiais pela etnia *zapoteca*. Esses altares são colocados sobre uma estrutura de nove níveis ou degraus feitos com gavetas. Eles simbolizam o retorno ao ventre da mãe terra, já que representam os nove meses para o nascimento, e a elevação da alma passados os nove dias que ela demora em espiritualizar-se. Uma particularidade dessa região diz respeito ao adorno do cômodo da casa no qual se encontra o altar com cachos de banana e com cana de açúcar. Os altares são enfeitados com as cores branca (representando a luz), preta e roxa (representando o luto). O arco formado com folhas de

¹⁰ Pães caseiros de milho que podem ser recheados a gosto.

¹¹ Bebida alcoólica feita a partir da fermentação do agave. Era considerada pelos astecas como uma bebida sagrada e consumida nas festas religiosas.

palma é enfeitado com mexericas e maçãs (que são penduradas no arco) e flores de defunto. Nos nove níveis que o altar apresenta acrescenta-se chocolate e licores (entre eles o *mezcal*¹²), círios e velas, *tamales* de galinha, caveiras de açúcar, pães, frutas, a comida favorita do defunto e uma cerveja.

As crianças mortas são recordadas com muita música e cânticos, pois se acredita que a morte foi algo bom para elas, uma vez que não passaram pelos sofrimentos e dificuldades da vida.

A oferenda *zapoteca* é composta por flores de morto, crista-de-galo, frutas como laranja, lima e cocos, pães e *tamales*, caveirinhas de açúcar, a cerveja e alguma comida ou bebida que era de preferência do defunto. Os jovens costumam visitar as casas do povoado e, cooperando com dinheiro, comem e bebem com as pessoas da casa, além de dançar canções tradicionais e dedicá-las aos falecidos. O jantar deles conta com *tamales* para comer e *mezcal*, cerveja e café para beber.

Com as visitas ao cemitério, levando círios e velas, a celebração, que se inicia no dia 31 de outubro, é finalizada, realizando-se, ao mesmo tempo o ritual católico e o indígena. O culto aos mortos para os *zapotecas* é completado na Semana Santa, quando todos acodem aos cemitérios levando flores, círios e velas. Ademais, costuma-se ofertar doces, tais como o de abóbora, batata doce, entre outros.

Os pescadores *huaves* do istmo oaxaquenho apresentam uma maneira peculiar de montar o seu altar, diferente das que vimos até agora. Eles desenvolvem uma espécie de conversa com seus mortos pedindo-lhes que protejam os vivos dos perigos da vida, das doenças. Posteriormente, o altar é elaborado. Ele conta com três níveis, sendo os dois superiores dedicados a Deus e o inferior a todos os mortos, ou seja, não é um altar direcionado a um familiar falecido, mas aos mortos de um modo geral. O altar é montado sobre uma mesa na qual são colocados guardanapos, um vaso com manjerição, uma panela, velas, flores e imagens religiosas de santos católicos. No dia 2 de novembro as mulheres vão aos cemitérios carregando flores e velas para enfeitar os túmulos. Ali realizam suas orações e cantos.

No povoado de Ayutla, localizado ao noroeste do estado de Oaxaca e habitado pela etnia *mixe*, a manutenção da tradição ancestral se faz presente de forma bastante contundente, conservando a integração religiosa da comunidade. No final do mês de

¹² Bebida alcoólica rústica obtida a partir da fermentação e destilação do agave.

outubro as famílias já se encarregam de comprar nos mercados aqueles produtos que serão utilizados na preparação das oferendas aos mortos como flores de morto, crista-de-galo vermelha, velas e castiçais, frutas (maçã, goiaba), pão e bebidas. O altar é erguido em um dos cômodos da casa e deve estar pronto no dia 31 de outubro com *tamales* de carne de vaca, peixe, texugo, camarão, flores, imagens e velas. Ademais, são colocadas figuras de açúcar e de pão representando flores e carinhas de anjos. O cômodo no qual está montado o altar deve ser perfumado com *copal*. No dia seguinte, as pessoas saem convidando compadres e amigos para que venham compartilhar a oferenda e recordar juntos os seus mortos. Por esses dias, os cemitérios e as igrejas contam com bandas musicais para receber os seus mortos em uma atmosfera alegre e harmônica.

Continuando o nosso passeio, nos deparamos com os índios *zoques* do estado de Chiapas. Eles associam o Dia dos Mortos ao período de colheita. Dessa forma, esse dia para eles significa o fim do ciclo agrícola. É o período em que são colhidos os melhores produtos. As pessoas aproveitam para pedir aos mortos que eles intercedam junto a Deus para que este abençoe a próxima colheita e para que seja tão boa quanto a anterior.

No dia 31 de outubro as pessoas sobem às montanhas para apanhar flores e plantas para a preparação dos altares, que também contam com copos com água, a comida e a bebida favorita do defunto, frutas da temporada, arcos de flores amarelas, pão doce, café e *tamalitos* (pequenos *tamales*). O lugar onde o altar será montado é previamente purificado. O altar conta ainda com pequenas figuras de Santo Antônio, colocadas após a purificação do ambiente.

Em Chiapa de Corzo, povoado de índios e mestiços que se dedicam à agricultura, ao artesanato e ao comércio, o altar é montado em três níveis, contendo flor de morto, alguma foto do falecido, imagens de santos de devoção da família e do defunto. Na madrugada do dia 2 de novembro todos do povoado dirigem-se ao cemitério para despedir-se de seus entes queridos falecidos. Ali queimam incensos e há música e dança. No dia seguinte, ao meio dia, as almas devem regressar ao reino dos mortos. Essa partida é anunciada pelo badalar dos sinos.

No povoado camponês de Teloloapan, de comunidade *náhuatl*, no estado de Guerrero, a tradição é mantida viva com seus altares e oferendas para os mortos. Se uma criança falece, a despedida para essa alma conta com música de violino e violão a fim

de alegrar as almas dos pequeninos. A chegada dessas almas, como na maioria dos lugares destacados, é no dia 31 de outubro e para elas são oferecidos pães em forma de animais, doces, frutas, *atole*, chocolate e brinquedos feitos de barro. Os altares são compostos por toalhas brancas bordadas especialmente para essa ocasião. Santos de devoção da família e do falecido são colocados ao centro da mesa juntamente com flores e velas. Essas últimas também são colocadas à entrada da casa para indicar o caminho para as almas que chegarão. Posteriormente, as oferendas são levadas ao cemitério devido à despedida das almas e ali os alimentos são intercambiados entre amigos e parentes. Aqui, finalizamos nosso passeio e nossa observação dos rituais festivos do Dia dos Mortos em algumas regiões do México.

Conclusões

O Dia de Finados é uma celebração religiosa que faz parte do universo católico e foi instaurado na América Latina no período da colonização e da conquista. Daí deriva o fato de ser uma celebração comum a todos os países que integram essa região. Mas, apesar de apresentar elementos similares em cada país, esse evento – ora tratado como culto, ora como festividade – assumirá características singulares de cada lugar. Características que, em alguns casos, aproximam-se do modelo ibérico e, em outros, das tradições dos povos indígenas que ali habitaram, não esquecendo, é claro, do processo de sincretismo religioso a que foram submetidos. Isso significa que mesmo se a celebração se aproxima do primeiro ou do segundo modelo citado, ambos estão permeados pelas duas culturas: a do europeu e a do indígena (sem esquecer-nos da africana, em muitos casos). O que é possível perceber é que um deles ocupará lugar de destaque em relação ao outro, em determinadas culturas.

A maneira de encarar e de lidar com a morte sofreu fortes mudanças ao longo dos séculos. Da maneira familiar e natural da Idade Média, em que, por causa das condições de vida da época, lidava-se com a morte todos os dias e de perto (corpo morto e corpo vivo estavam lado a lado), passamos à maneira solitária e rude dos dias atuais, no sentido de que corpo vivo e corpo morto se distanciam. (ARIÈS, 1988; KOVÁCS, 1992). Não se morre em casa. Morre-se sozinho e, muitas vezes, no hospital. E não queremos lidar com o corpo morto, pois contamos com prestações de serviços para esse

fim. Cultuamos, também, demasiadamente a juventude e a beleza e nos lembrarmos da morte significa o desmoronamento desse castelo de areia que construímos para nos iludir. Ainda que a morte esteja presente todos os dias nos noticiários da televisão, em jornais e em revistas, fingimos não a notar e não a queremos encarar.

Recordar e homenagear pessoas que já morreram é uma prática realizada por muitos povos e religiões desde que o mundo é mundo. Há uma necessidade universal de recordar os antepassados, mas seus significados e formas de representação irão variar de acordo com cada cultura, tempo e lugar. Povos antigos como os egípcios, celtas, gregos e romanos realizavam tais práticas rituais por meio de celebrações festivas que consistiam em oferta de comidas, bebidas, objetos pessoais, utensílios diversos e adornos. Em alguns casos, havia a execução de música e dança, em outros, encenações e representações dos mortos por meio de imagens, bonecos de barro, cerâmica ou madeira.

Cada região mexicana tem sua forma particular de realizar oferendas e recordar os seus mortos, assim os elementos comuns também dão lugar aos diferentes. É importante perceber que semelhante é a vontade das pessoas de receber as almas em um ambiente harmônico, onde reinam a espiritualidade, a lembrança e a comunhão acima de tudo, mas a maneira de conduzir a cerimônia varia de lugar para lugar, de acordo com a crença de cada um e dos elementos de que se dispõe para realizá-la. A realidade econômica também determinará o que e como será oferecido algo aos mortos. Contudo, seja a oferta simples ou luxuosa, o importante é recordar os antepassados e compartilhar o presente para garantir o futuro.

Referências bibliográficas

ARIÈS, Phillipe. *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*. Tradução Pedro Jordão. Lisboa: Editorial Teorema, 1988.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. 6 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

BRANDES, Stanley. El Día de Muertos, El Halloween y la Búsqueda de una identidad nacional mexicana. *Alteridades*, Distrito Federal, México: Universidad Autónoma Metropolitana – Iztapalapa, v. 10, n. 20, p. 7-20, jul./dic. 2000.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394, de 20 de

- dezembro de 1996. <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. (14/04/2015).
- _____. Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2000. http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. (14/04/2015).
- _____. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua estrangeira. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998. http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf. (14/04/2015).
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. São Paulo: Global, 2002.
- CHALLAYE, Félicien. *As grandes religiões*. Tradução Alcântara Silveira. 6. ed. São Paulo: Ibrasa, 1981.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução Vera da Costa e Silva et al. 22. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2008.
- CONSEJO NACIONAL PARA LA CULTURA Y LAS ARTES – CONACULTA. *La Festividad Indígena Dedicada a los Muertos en México*. Obra maestra del patrimônio oral e intangible de la humanidad. Unesco. México, 2003.
- CULTURA mexicana.
- http://www.iztapalapa.gob.mx/museo_fuegonuevo/firea/muss4.htm. (26/01/2012).
- Dicionário Aulete Digital. <http://www.aulete.com.br>. (24/04/2015).
- DEL PRIORE, Mary. *Religião e religiosidade no Brasil Colonial*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ESPARZA, José Ruiz de. *El México festivo*. México, D.F.: Ciencia y Cultura Latinoamérica, 1996.
- FIESTAS de Muertos en México. México, D.F.: C/Producciones, S.A., 1998. Documentários sobre a festividade dedicada aos mortos em diversos estados mexicanos. 1 DVD (70 min), son., color.
- FUEGO Nuevo. http://www.iztapalapa.gob.mx/museo_fuegonuevo/firea/msx.htm. (26/01/2012).
- GIOSA, Elenice. O mundo numinoso dos mitos celtas e seu canto na cultura; mitemas recorrentes no Ciclo Arturiano; O mito cantando a cultura britânica. In: *Mito Arturiano*

e processo de individuação: caminhos para uma Educação de Sensibilidade na relação ensino--aprendizagem de Inglês. Tese (Doutorado em Psicologia: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2007.

IGLESIAS Y CABRERA, Sonia C. *Cuando los abuelos regresan: origen y simbología del Día de Muertos en México*. México: Gobierno Del Estado de Michoacán de Ocampo/ Secretaría de Cultura, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2000: características gerais da população, resultados da amostra*.

ITANI, Alice. *Festas e calendários*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

MATTOSO, José (Org.). *O reino dos mortos na Idade Média peninsular*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1996.

MEC/SEB. Orientações curriculares para o ensino médio. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2006, p. 85-164. http://www.portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf. (14/04/2015).

MORAIS FILHO, Melo. Dia de Finados. In: ____ *Festas e tradições populares do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

PAGOTO, Amanda Aparecida. *Do âmbito sagrado da igreja ao cemitério público: transformações fúnebres em São Paulo (1859-1860)*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

PAZ, Octavio. Todos os Santos, Dia de Finados. In: ____ *O Labirinto da Solidão: e post-scriptum*. Tradução Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 45-61.

¡QUÉ VIVA MÉXICO! Direção: Sergey Eisenstein. Produção: Grigory Alexandrov. México/Rússia/Estados Unidos, 1931-1979. Documentário sobre a sociedade mexicana. 1 DVD (85 min), son., preto e branco.

RINALDI, Natanael (padre). Dia de Finados. *Centro Apologético Cristão de Pesquisas – CACP*, São Paulo, nov. 2007. Seção Estudos Bíblicos: Credos Históricos. <http://www.cacp.org.br/catolicismo/artigo.aspx?lng=pbr&article=1308&menu=2&submenu=8>. (13/01/2012).

RODRIGUEZ, Cláudia Fernanda. Falando de morte no século XXI: a busca por ultrapassar os limites do indizível e a importância da comunicação. In: ____ *Falando de morte na escola: o que os educadores têm a dizer?* Tese de Doutorado do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2010.

SAHAGÚN, Fray Bernardino de. *Historia general de las cosas de nueva España*, 1. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

STEUDING, Hermann. *Mitologia griega y romana*. Tradução J. Camón Aznar. 4. ed. Barcelona: Editorial Labor, 1934.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad.: Beatriz Perrone-Moisés. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VASQUES, Márcia Severina. *Crenças funerárias e identidade cultural no Egito Romano: máscaras de múmia*. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2005.

ZARAUZ LÓPEZ, Hector L. *La fiesta de la Muerte*. México: CONACULTA, 2004.